



## A ideologia nacional-socialista: O revisionismo e o nazismo de esquerda

*Gabriel Saldanha Lula de Medeiros<sup>1</sup>*

**Resumo:** Em virtude da popularização de textos em diversos sites e em redes sociais colocando o nazismo como uma ideologia de esquerda, contrariando parte considerável da historiografia séria produzida desde o fim da Segunda Guerra Mundial, este artigo tem como objetivo elucidar a seguinte questão: “o nazismo era uma ideologia de direita ou de esquerda?”. Para isto, serão trazidos argumentos encontrados em sites que defendem o ponto de vista revisionista e, em seguida, serão discutidos vários aspectos da doutrina hitlerista com base em uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo, desde a ideologia em si até as ações do Partido Nazista enquanto este esteve no poder, a fim de examinar a posição do nacional-socialismo no espectro político-ideológico. Por fim, conclui-se que as premissas revisionistas são rasas, na maioria das vezes infundadas, podendo servir como mero recurso retórico de conservadores e grupos direitistas.

**Palavras-chaves:** Nazismo; Revisionismo; Ideologia; Esquerda

## The national-socialist ideology: the revisionism and the left-wing nazism

**Abstract:** Due to the popularization of texts on various websites and social networks, displaying Nazism as an ideology on the left, contrary to part of serious historiography since the end of World War II, this article aims to elucidate the following question: “Nazism was a right or left ideology?” For this, we will show arguments found in sites that define the revisionist point of view and then discuss various aspects of Hitler doctrine based on a qualitative bibliographical review, from an ideology itself to the actions of the Nazi Party while was in power, an end to examine the position of social-socialism on the political-ideological spectrum. Finally, it is concluded that the main revisions are shallow, mostly unfounded, using as the most rhetorical resource of conservatives and right-wing groups.

**Keywords:** Nazism; Revisionism; Ideology; Left-wing

### Introdução

Para muitos escritores e estudiosos, principalmente os pós-modernos, a história e a ficção andam de mãos dadas. Alguns deles não consideram a história como ciência, pois, uma vez que é impossível acessar o passado diretamente e é igualmente impossível reproduzi-lo em

---

<sup>1</sup> Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Especialista em Metodologia do Ensino de Geografia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER); Licenciando em História pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: gabriellula96\_@hotmail.com.

sua totalidade, a narrativa histórica sempre estaria incompleta, e os conhecimentos produzidos por esta disciplina não poderiam ser considerados verdades científicas, e sim versões da história. Este entendimento é perigoso, uma vez que pode igualar a produção historiográfica séria e a produção revisionista em um mesmo patamar, como é o caso daqueles que negam o Holocausto, por exemplo.

Tendo em vista que o conhecimento produzido não é absoluto, uma verdade em si mesmo, este pode ser revisado e aperfeiçoado. Aquilo que é considerado verdadeiro pela ciência hoje, amanhã pode não ser mais. O método científico, portanto, apesar de rigoroso, é falível. Por outro lado, esse método é preciso ser levado em consideração na produção de conhecimento, pois, através dele, as investigações são sistematizadas e os dados são analisados rigorosamente, permitindo conclusões amparadas em premissas técnicas. Percebe-se, então, que a revisão não é algo descartado quando se trata de conhecimento científico. Porém, ressalta-se que esta revisão deve se pautar em métodos reconhecidos e técnicos, para que não produzam anacronismos e disseminem ideias falsas.

Em muitos casos, o revisionismo histórico pauta-se em premissas rasas, algumas vezes falsas, e faz parte de uma estratégia de propaganda político-ideológica, como um recurso meramente retórico, não se utilizando de métodos científicos, com uma produção majoritariamente realizada por jornalistas, pesquisadores independentes e militantes, disseminada com rapidez em ambientes virtuais. Neste contexto, popularizam-se as “fake news”, que são responsáveis por espalhar boatos, notícias falsas. É a guerra retórica, a propaganda e a contrapropaganda comuns no meio político, mas que agora atingem um novo patamar: a internet, que na sociedade em rede do século XXI, permite que a informação chegue mais rápido às mãos da população.

Deste modo, nos últimos tempos, cresce na guerra retórica uma polêmica: o nazismo era uma ideologia de direita ou de esquerda? A propaganda da militância direitista tenta jogar Hitler e os seus devaneios na conta da esquerda, desafiando parte considerável daquilo que se tem discutido historicamente ao longo de todas as décadas que sucederam o declínio do Terceiro Reich. A ideia de um “nazismo esquerdista” se popularizou, ganhando destaque em canais de influenciadores digitais, como o filósofo brasileiro Olavo de Carvalho<sup>2</sup>, e páginas de cunho político nas redes sociais. A polêmica praticamente obrigou veículos de comunicação

---

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=QcnzpMQ7JCE>

importantes a dedicarem parte dos seus espaços para a discussão do tema. O site da BBC<sup>3</sup> trouxe a seguinte manchete em 7 de maio de 2017: “O nazismo era um movimento de esquerda ou de direita?”. O site da revista Superinteressante<sup>4</sup>, em 4 de julho de 2018, traz uma matéria com o título “Afiml, o nazismo era de esquerda ou de direita?”. O site do jornal O Estado de São Paulo<sup>5</sup> também entrou na controvérsia com uma publicação de 5 de agosto de 2017, intitulada “O nazismo é de extrema-direita”.

Aqui, neste artigo, discutiremos as premissas da propaganda revisionista que vincula o nazismo com a esquerda, buscando garantir a elucidação da polêmica. Na seção “Resultados”, serão trazidos os principais argumentos disseminados na internet por sites, jornalistas e pesquisadores independentes que embasam a concepção revisionista. Posteriormente, na “Discussão”, serão analisados esses argumentos tendo como base textos historiográficos avaliados por pares e indexados, ou seja, textos produzidos por historiadores profissionais a partir de rigor técnico e científico que permitirão chegar a uma conclusão consistente.

## Método

Este trabalho tem como objetivo elucidar a seguinte questão-problema: “O nazismo era uma ideologia de direita ou de esquerda?”. Para tanto, em um primeiro momento, foi realizada no Google uma busca por textos veiculados em sites que sustentassem a visão de que a ideologia hitlerista era esquerdista. Foram encontrados sites de jornalismo independente e textos escritos majoritariamente por jornalistas.

A tabela a seguir ilustra os principais trabalhos encontrados, bem como os seus principais argumentos.

---

<sup>3</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-39809236>

<sup>4</sup> <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/afinal-o-nazismo-era-de-esquerda-ou-de-direita/>

<sup>5</sup> <https://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/o-nazismo-e-de-extrema-direita-texto-de-michel-gherman/>

**Tabela 1** – Textos que fizeram parte dos “Resultados” do presente estudo.

<b>Autores/Ano</b>	<b>Artigo</b>	<b>Website</b>	<b>Principais argumentos</b>
ZIMMER, Ianker (2019)	Nazismo: o filho que a esquerda não assume	Instituto Liberal	Nome do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães; Controle de preços pelo governo como oposição ao livre mercado; Estado nazista seria absoluto, estatizante, como um Estado socialista.
GHANI, Alan (2017)	O nazismo está muito mais à esquerda do que à direita	InfoMoney	Nome do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães; Empresas privadas no Terceiro Reich seriam extensões do Estado, como fachadas; Controle de preços e salários por parte do Estado como indício de economia socialista; Nazistas e comunistas perpetraram genocídios.
MACHADO, Marcos (2019)	Nazismo e comunismo, verso e reverso da mesma moeda	Agência Boa Imprensa	Pacto Molotov-Ribbentrop como um indício de solidariedade entre nazistas e comunistas; Nazismo e comunismo teriam os mesmos princípios, atos e fins.
MORGENSTERN, Flávio (2014)	Carta aberta à Luciana Genro pt. 2	Instituto Liberal	Nome do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães; Pacto Molotov-Ribbentrop.
CASAGRANDE, Diego (2017)	O nazismo era de esquerda	Opinião e Crítica: jornalismo independente	Nome do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães; Militância e propaganda do Partido Nazista seriam inspiradas nos comunistas; Repressão ao livre pensamento; Supostos elogios de Hitler a Stalin.

Fonte: Dados da pesquisa.

Já na “Discussão”, será feita uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo a fim de verificar os argumentos utilizados pelos textos trazidos nos “Resultados”, elencados acima. Para a referida seção, foram utilizados 6 artigos, 3 trabalhos de conclusão de curso e 1 dissertação de mestrado, todos encontrados a partir de pesquisas no site de buscas Google, além de 9 livros físicos. Os textos são de autores brasileiros e internacionais.

**Tabela 2** – Principais textos que fizeram parte da “Discussão” do presente estudo.

<b>Autores/Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Publicação</b>	<b>Principais resultados</b>
BEL, Germà (2010)	Against the mainstream: nazi privatization in 1930s Germany	The Economic History Review, Volume 63, Issue 1	Alemanha Nazista realizou o primeiro grande programa de privatizações do século XX.

CROSBY, Debra (1975)	The rise of the nazi party as a rhetorical movement: 1919-1933	Dissertação de mestrado em Artes, North Texas University	Polarização e atos de violência entre nazistas e comunistas durante a República de Weimar.
FEIJÓ, Ricardo Luís Chaves (2009)	Uma interpretação do primeiro milagre econômico alemão (1933-1944)	Revista de Economia Política, Vol. 29, n. 02 (114), pp. 246-266	Contratos do governo com setores da burguesia industrial criaram uma nova elite, com concessão de créditos para investimentos.
KLEIN, Burton (1948)	Germany's preparation for war: a re-examination	The American Economic Review, Vol. 38, No. 01, pp. 56-77	Pacto Molotov-Ribbentrop era a garantia de que os nazistas invadiriam a Polônia sem reação da URSS, pois o exército soviético era maior em número de soldados.
LARA, Eduardo Henrique (2012)	A economia alemã: 1933	Trabalho de Conclusão de Curso: Ciências Econômicas, Universidade Estadual Paulista	Planos econômicos que geraram emprego e concederam crédito para indústria, especialmente para o setor automobilístico, com concessão de empréstimos a baixos juros para movimentar o comércio.
MARTINS, Lucas Campos (2010)	Economia de guerra da Alemanha nazista: como a economia comporta-se frente à ocorrência de uma guerra	Centro Universitário de Belo Horizonte – UNIBH, Departamento de Ciências Jurídicas, Políticas e Gerenciais. Trabalho de Conclusão de Curso: Relações Internacionais.	Economia nazista inspirada no Keynesianismo: crescimento econômico a partir de concessão de créditos e intervenção estatal.
MONTEIRO, Gustavo Feital (2013)	Juventude hitlerista: propaganda, ideologia e antissemitismo	Trabalho de conclusão de curso, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília (UnB)	A criação da Juventude Hitlerista tinha como um dos objetivos rivalizar com a juventude do Partido Comunista.
RABINBACH, Anson (2008)	Staging antifacism: the brown book of the Reichstag and Hitler terror	New German Critique 103, Vol. 35, No. 1	Os nazistas utilizaram o episódio do incêndio no Reichstag como propaganda anticomunista e iniciaram uma campanha de repressão contra integrantes do Partido Comunista.
SPOERER, Mark; STREB, Jochen (2006)	Guns and butter – but no margarine: the impacto of nazi agricultural and consumption policies on german food production and consumption 1933-38	XIV International Economic History Congress, Helsinki, Finland, pp. 21-26	O controle de preços e salários era uma medida para conter a inflação; Maior interferência no setor agrícola tinha a ver com concessão de créditos a outros setores da economia considerados mais importantes.

WEIKART, Richard (2013)	The role of Darwinism in nazi racial thought	German Studies Review 36.3; German Studies Association	O nacionalismo de Hitler era pautado em premissas biológicas. Por serem nacionalistas, os nazistas tiveram os comunistas como seus principais inimigos políticos.
----------------------------	---	--	---

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Os textos foram basicamente direcionados para quatro grandes assuntos na “Discussão” do presente estudo, a saber: a constituição do Partido Nazista e sua ideologia; as ações do governo do Terceiro Reich contra os direitos democráticos, inclusive as perseguições políticas contra a oposição e o confisco de propriedades judaicas; aspectos gerais da economia nazista, bem como os chamados “planos quadrienais”; por fim, aspectos relacionados à Segunda Guerra, como o Pacto Molotov-Ribbentrop e a preparação para o conflito. Nota-se que os artigos escolhidos são avaliados por pares e indexados, o que garante melhor confiabilidade com relação aos argumentos trazidos.

Por fim, ressalta-se que não foi escolhido nenhum texto que fizesse qualquer tipo de apologia ao nazismo ou a qualquer regime autoritário, seja ele de esquerda ou de direita. Este critério garante, de certa forma, a imparcialidade dos resultados obtidos visando uma conclusão isenta e baseada somente em informações da historiografia especializada.

## Resultados

Nesta seção, resgatam-se os principais textos encontrados em websites que defendem o nazismo como sendo uma ideologia de esquerda. O primeiro deles é do jornalista Ianker Zimmer (2019), veiculado no site do Instituto Liberal, chamado “Nazismo: o filho que a esquerda não assume”. Este mesmo texto já foi reproduzido na íntegra na coluna do economista Rodrigo Constantino, no site do jornal Gazeta do Povo.

Para o autor, a narrativa de que o nazismo era uma ideologia de extrema-direita é uma “das mais mentirosas do mundo”. Em sua visão, o socialismo é caracterizado pelo Estado grande e estatizante em absoluto, com controle de mercados e de propriedades. Um dos argumentos que sustenta a ideia defendida por ele está no nome do Partido Nazista, que

oficialmente se chamava “Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães”. Outro argumento é o controle de preços exercido pelo governo de Hitler, fato que, por si só, no ponto de vista do autor, “já se constitui evidência de que o nazismo era um regime de esquerda”. Em suas palavras, “isto nada mais foi do que uma prova de que o ensinamento de Marx corria nas veias de Hitler!”, pois controlar preços seria o oposto do livre mercado capitalista, sendo a crítica ao livre mercado uma característica marxista. Zimmer (2019) chega a dizer que, durante o Terceiro Reich, as empresas eram controladas pelo Estado, sendo apenas empresas de “fachada”. Para ele, tudo pertencia ao Estado absoluto, supostamente inspirado nas obras de Karl Marx, assim como Lênin pregava durante a Revolução Russa.

Outro argumento utilizado pelo autor diz respeito ao ódio de Hitler pelos judeus que, para ele, se assemelhava ao ódio disseminado por Marx contra a classe burguesa. Assim como Hitler pregava uma raça superior, Marx defendia uma classe superior, a classe proletária. Hitler apontava que os judeus controlavam boa parte do mercado, das empresas e dos partidos políticos na Alemanha antes de sua ascensão ao poder. Zimmer (2019) defende que os pensamentos de Hitler e Marx tinham um único objetivo: “exterminar o opressor”.

Para o autor, outra característica comum entre nazismo e comunismo diz respeito aos genocídios nazista e soviético (considera que o extermínio nazista foi inspirado nos campos de concentração da URSS, os *gulags*. Para ele, esta era uma ideia de Lênin que fora levada por Hitler para a Alemanha). Além disto, o culto à personalidade dos líderes políticos e a cor vermelha como símbolo dos dois movimentos também seriam características que afinam o nacional-socialismo com o comunismo soviético. Por fim, Zimmer (2019) decreta: “Na guerra das narrativas sempre venceu quem gritou mais alto e nisto os movimentos de esquerda sempre foram especialistas. Mas o jogo virou. As pessoas honestas não deglutem mais qualquer bobajol marxista.”

O segundo texto que defende o nazismo como sendo uma ideologia esquerdista é do economista Alan Ghani (2017), chamado “O nazismo está muito mais à esquerda do que à direita.”, veiculado no site InfoMoney. O autor também usou como argumento a nomenclatura do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães como uma suposta similaridade entre os dois movimentos “até no nome”. De acordo com ele, a simples presença de empresas privadas no Terceiro Reich não quer dizer que existia ali uma economia de livre mercado, pois, em sua visão, as empresas privadas eram extensões do Estado, como empresas de “fachada”

(mesmo argumento utilizado pelo autor discutido anteriormente). O controle de preços e salários seria um indício de que a economia nazista era socialista. Outro argumento utilizado pelo autor diz respeito aos genocídios perpetrados tanto em nome do nazismo quanto do comunismo, o que, por si só, seria suficiente para interligar um movimento ao outro, sem que o autor detalhasse os motivos que fazem esses extermínios ideologicamente semelhantes.

O terceiro texto a ser analisado chama-se “Nazismo e comunismo, verso e reverso da mesma moeda”. Foi escrito por Marcos Machado (2019) e publicado pelo site Agência Boa Imprensa. Não foram encontrados dados acerca do autor, sobre sua formação, apenas alguns poucos textos publicados no mesmo site.

De acordo com o autor, o Pacto Molotov-Ribbentrop, firmado entre a Alemanha Nazista e a URSS seria um indício de que nazismo e comunismo teriam uma “solidariedade mal disfarçada” por uma aparente oposição entre os dois movimentos. Citando autores como Plínio Corrêa de Oliveira e J. Bauer Reis, o texto trata o nazismo e o comunismo como “irmãos”, com princípios, fins e atos em comum. Para Machado (2019), a classificação do nazismo enquanto uma ideologia direitista seria “ecoar um velho realejo dos tais consensos acadêmicos”, pois o fascismo e a ideologia nacional-socialista seriam, na verdade, “resultados de fenômenos de esquerda”. Nota-se, portanto, que para o autor, o Pacto Molotov-Ribbentrop não poderia ser somente um tratado de não agressão e de divisão do território polonês, mas era também um tratado que se firmava a partir de supostas afinidades doutrinárias, de princípios. O pacto, aliás, seria uma prova “patente” do vínculo entre os dois regimes.

Em uma carta aberta à ex-deputada socialista brasileira Luciana Genro, publicada em 2014 no site do Instituto Liberal, o colunista e escritor Flávio Morgenstern argumenta com base no nome do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães que este era sindicalista, uma vez que, segundo o autor, “socialismo = nacional-socialismo = sindicalismo”. Havia na história do fascismo e do nazismo, em sua visão, “sindicalismo e ódio mortal ao capitalismo”. Além disto, Morgenstern (2014) também utiliza o Pacto Molotov-Ribbentrop como argumento para sustentar a ideia de que o nazismo era uma ideologia de esquerda, pois, segundo ele, este seria um acordo firmado entre fascistas e socialistas contra um suposto “imperialismo”. O autor diz: “Aquele famoso Pacto Molotov-Ribbentrop, entre Stalin e Hitler. Alguém poderia imaginar um acordo entre Hitler e Churchill? Já que vocês, comunistas, adoram associar o socialismo nacionalista à... direita capitalista?”.

Popular nas redes sociais por posicionamentos de direita, o jornalista Diego Casagrande publicou em 2017, no portal “Opinião e Crítica: Jornalismo Independente”, um texto intitulado “O Nazismo era de esquerda”. Para o autor, a ideia de que o nazismo era uma ideologia de direita é uma “mentira contada há décadas em sala de aula por professores doutrinadores”. Para ele, o argumento básico de que o nazismo era de esquerda estava no nome do Partido Nazista. Além do mais, a hierarquia partidária, segundo o autor, era inspirada no modelo soviético, desde a organização da juventude militante até a propaganda, como gritos, marchas, desfiles, saudações.

Casagrande (2017) ainda ressalta que o livre pensamento foi suprimido durante o Terceiro Reich e que o indivíduo estava em segundo plano com relação à coletividade. “Quer coisa mais esquerdista que isto?”, questiona. Compara, ainda, a milícia paramilitar do regime chavista na Venezuela com as tropas de assalto do Partido Nazista. A inspiração nos campos de concentração soviéticos seria, também, uma prova de que o hitlerismo era esquerdista. Em dado momento, Casagrande (2017) chega a dizer que o esforço de guerra nazista era quase igual ao soviético, bem como o esforço de propaganda para captação de militância para o partido de Hitler era semelhante ao do Partido Comunista da URSS. Porém, em nenhum momento, o autor estabelece os motivos consistentes pelos quais esses fatos seriam uma comprovação de que os governantes alemães seriam esquerdistas ou socialistas, uma vez que os fatos elencados não dizem respeito a aspectos ideológicos ou políticos.

Outro argumento utilizado por Casagrande (2017) é o suposto elogio de Hitler a Stalin por este buscar “purificar” o partido comunista da URSS das influências judaicas, mesmo este ponto também não dizendo respeito a qualquer fato ideológico que pudesse ser classificado como marxista ou simplesmente “esquerdista”. O autor ressalta que “assim como os comunistas, os nazistas perseguiram minorias, impediram a livre manifestação religiosa e controlaram a economia”. O jornalista, porém, não estabelece qualquer relação entre esse fato com algum argumento que pudesse sustentar seu ponto de vista. Aliás, é importante ressaltar que a perseguição de minorias e o impedimento de livres manifestações também ocorreram em regimes ditatoriais de direita, como a própria ditadura militar brasileira, o que, por si só, não pode ser utilizado como argumento seguro para designar a ideologia de qualquer movimento autoritário. Adiante, Casagrande (2017) cita o Pacto Molotov-Ribbentrop: “Alemanha e URSS fizeram até um pacto secreto de não agressão e divisão da Polônia”.

Por fim, o autor diz que “todas as ideologias totalitárias e de esquerda aniquilam as liberdades individuais, o mercado, o pensamento, a religiosidade, o ser humano”. Por outro lado, mais uma vez, esquece de dizer que o controle de liberdades individuais e a interferência no mercado não são exclusividades de regimes de esquerda, o que, obrigatoriamente, torna o argumento falho.

Apesar da riqueza de ironias, será que esses argumentos são reconhecidos pelos historiadores e pela comunidade científica? Em abril de 2019, o presidente brasileiro Jair Bolsonaro deu uma entrevista dizendo não ter dúvidas de que o nazismo era um movimento de esquerda, confirmando um posicionamento prévio do ministro das relações exteriores do Brasil, Ernesto Araújo. Jair Bolsonaro usou o nome do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães para sustentar o seu ponto de vista. Esta declaração foi dada em Israel, onde o presidente visitou o Centro Mundial de Memória do Holocausto, instituição que divulgou nota refutando tal posicionamento dos políticos brasileiros. Em virtude desse evento, o professor de história da Universidade de Brasília, Antonio Barbosa, classificou a colocação do nazismo enquanto uma ideologia de esquerda como sendo uma “fraude intelectual”, em entrevista para o site G1. O mesmo site ainda relembra um posicionamento anterior, de 2018, onde o embaixador alemão no Brasil, Georg Witschel, considera uma “besteira completa” a classificação do nazismo e do fascismo como movimentos de esquerda<sup>6</sup>.

Nas próximas páginas, buscaremos elucidar a questão-problema deste artigo. Para isto, serão utilizados textos historiográficos avaliados por pares e indexados, em contraponto aos argumentos trazidos pelos websites produzidos por jornalistas e pesquisadores independentes.

## Discussão

Tendo como base uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo a partir de textos avaliados por pares e indexados, e também de livros, esta seção irá discutir acerca do Partido Nazista e sua ideologia, além de aspectos políticos do Terceiro Reich, sobre a econômica da Alemanha Nazista e, por fim, sobre a Segunda Guerra Mundial. Estes assuntos se encontram

---

<sup>6</sup> <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/02/bolsonaro-diz-nao-haver-duvida-de-que-nazismo-era-de-esquerda.ghtml>

no centro da discussão que visa à elucidação da questão-problema que conduziu a escrita do presente artigo: "o nazismo era uma ideologia de direita ou de esquerda?". Nas próximas páginas também serão discutidas as principais premissas elencadas pelos autores citados nos "Resultados" para defender o ponto de vista de que o nacional-socialismo seria, supostamente, uma doutrina esquerdista.

A primeira premissa – e também a mais frágil delas – que sustenta a propaganda revisionista de que o nazismo era um movimento de esquerda consiste única e exclusivamente na leitura do nome do Partido Nazista, que oficialmente se chamava Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. A agremiação surgiu em 1919 após a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial, sob um forte viés nacionalista. O nacionalismo hitlerista era pautado em premissas biológicas que davam conta de que o povo germânico era descendente de uma raça superior e que os alemães ocupavam o topo da hierarquia na evolução humana – teorias que têm como origem o darwinismo social muito popular entre o fim do século XIX e início do século XX (WEIKART, 2013). A preservação do nacionalismo alemão logo tornou os comunistas principais inimigos políticos do nazismo.

Em *Mein Kampf*, a "bíblia" da doutrina nazista escrita pelo próprio Adolf Hitler, ele expõe experiências de sua vida antes da Primeira Guerra quando era operário em Viena e em Munique. No livro, ele conta que logo cedo percebeu que os sindicatos eram controlados pelos partidos de esquerda e que estes eram responsáveis pela disseminação de propaganda contra o nacionalismo e a religião. A retórica esquerdista, segundo Hitler, dizia que o nacionalismo e a religião eram instrumentos da burguesia para a exploração da classe operária – especialmente a partir das ideias de desenvolvimento nacional e de que o trabalho dignifica o homem. Quando era operário da construção civil, Hitler diz ter sofrido assédio para ingressar em um sindicato social-democrata, mas, ao recusar a proposta e discutir com outros trabalhadores, disse ter sido obrigado a se demitir ou seria jogado do andaime. No primeiro capítulo de sua obra, ele escreve que o marxismo era "a verdadeira significação de uma peste ambulante sob a máscara de virtude social e amor ao próximo, e da qual se deve depressa libertar a Terra, pois, do contrário, muito facilmente a humanidade será por ela imolada", e que os marxistas agiam por meio de uma "estratégia violenta de doutrinação".

Hitler apontou que o movimento socialista estava presente não só entre os trabalhadores, mas também na imprensa, na tentativa de construir uma hegemonia cultural.

Alegou, também, a suposta vinculação dos social-democratas e socialistas com os judeus. Alguns grupos judaicos sionistas pregavam não só a separação do povo judeu e do povo alemão como também a criação de um Estado judaico (WECKERT, 2004) e, por isto, alguns deles integravam a propaganda antialemã e antinacional encabeçada por partidos de esquerda.

O Partido Nazista era composto, no início, majoritariamente por trabalhadores, alguns deles até originários do movimento comunista. Mas isto se deu por algumas estratégias de propaganda que o próprio Hitler também relatou em *Mein Kampf*. Boa parte da agitação partidária foi copiada dos comunistas, já que o eleitorado operário teria de ser disputado principalmente com o movimento marxista. O próprio nome do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães era uma forma de atrair o proletariado e o eleitorado esquerdista. O uso da cor vermelha na bandeira nazista era uma maneira de atrair estas pessoas, já que era a mesma cor utilizada pelo movimento comunista. A uniformização dos militantes nazistas, as bandeiras vermelhas, a formação de uma militância jovem e atos de rua foram copiados dos comunistas não porque havia alguma afinidade, mas sim para rivalizar. O próprio Hitler assumiu esses pontos em sua obra.

Durante as crises econômica, social e política que assolaram a Alemanha após a derrota na Primeira Guerra, a população se viu dividida entre os dois extremos do espectro político: o comunismo e o nazismo. Portanto, os comunistas sempre foram os principais adversários dos nazistas. Ao longo do período republicano, aliás, o principal alvo da propaganda do partido de Hitler eram os marxistas, e não os judeus. Tanto, que Hitler criou as Tropas de Assalto, a famosa SA, para expulsar os comunistas que iam tumultuar os comícios do Partido Nazista (CROSBY, 1975).

A criação da Juventude Hitlerista na década de 1920, como uma ala da militância jovem do Partido Nazista, tinha como objetivo não só propagar a ideologia e distribuir materiais de propaganda partidária, mas também rivalizar com a juventude do Partido Comunista. A rivalidade era tamanha, que não raramente os dois grupos se enfrentavam em atos de violência urbana, onde 22 jovens hitleristas morreram entre 1926 e 1933 (MONTEIRO, 2013).

A polarização entre nazistas e marxistas se dava também em virtude das inúmeras tentativas de golpe de Estado empreendidas por comunistas e pelo medo de uma revolução assim como havia acontecido com a Rússia – que os nazistas eram contrários. Este medo, aliás,

garantiu o apoio de muita gente ao grupo de Hitler. Em termos econômicos, os nazistas eram contra a estatização dos meios de produção defendida pelos seus rivais.

Evidencia-se, portanto, de início, a oposição aos partidos e militantes esquerdistas em virtude da influência que eles tinham nos sindicatos, na imprensa e na disseminação de ideias antialemãs, ferindo o nacionalismo de Hitler, sendo esta uma das bases de sua doutrina, além das diferenças do ponto de vista econômico, o medo de uma revolução comunista e, principalmente, a disputa pelo eleitorado operário.

Os marxistas foram os primeiros alvos de Hitler quando este assumiu o poder na Alemanha. Em 01 de fevereiro de 1933, dois dias após ser nomeado chanceler pelo presidente Paul von Hindenburg, Hitler proferiu um discurso veiculado pela cadeia nacional de rádio, intitulado “Apelo ao Povo Alemão”. Nele, o líder nazi atribuiu a culpa do caos social, político e econômico vivido até então aos políticos de esquerda que eram a maioria da classe política que governou a Alemanha entre o fim da Primeira Guerra e o advento do Terceiro Reich – especialmente o Partido Social-Democrata, que era maioria no parlamento e todos os presidentes da república tinham sido seus membros, além de ter apoiado a revolução de novembro de 1918 que pôs fim ao Império Alemão e estabeleceu a República de Weimar. “Os partidos marxistas e os seus seguidores tiveram 14 anos para provar suas habilidades. E o resultado é um monte de ruínas”, disse ele no discurso<sup>7</sup>.

Logo, os comunistas perceberam que a vida não seria fácil com os nazistas no governo, e realmente não foi. A SA intensificou a violência de rua contra os esquerdistas e a censura atingiu primeiramente os partidos comunista e social-democrata do que as demais agremiações. Os jornais dos partidos foram fechados e sedes partidárias, sindicatos e eventos foram invadidos. Líderes comunistas foram presos. Todos esses atos de repressão foram apoiados por boa parte da classe média alemã que, influenciada pela propaganda nazista, temia uma insurreição comunista e uma revolução aos moldes da revolução bolchevique de 1917 na Rússia (EVANS, 2010). Os primeiros campos de concentração foram construídos ainda em 1933 com o objetivo inicial de aprisionar não os judeus, como é pensado de início pelo senso comum, mas sim os opositores do governo de Hitler. O número de comunistas e social-democratas presos era tão grande, que as instalações da polícia logo superlotaram e se fez necessária a construção

---

<sup>7</sup> <http://www.hitler.org/speeches/02-01-33.html>

dos campos de concentração já em março de 1933, apenas dois meses após a nomeação do chanceler (GRUNBERGER, 1970).

Um episódio emblemático que simboliza a oposição entre nazistas e comunistas é o incêndio no prédio do parlamento, em Berlim, em 27 de março de 1933. Um jovem militante comunista foi preso em meio às chamas que corroíam o parlamento alemão, assumindo ter ateado fogo no prédio. A propaganda do governo nazista, então, logo tratou de usar o caso como uma suposta tentativa de insurreição revolucionária (RABINBACH, 2008). Era a desculpa perfeita: os líderes comunistas que restavam foram todos presos naquela noite mesmo. Ao todo, cerca de 4 mil pessoas foram presas na ocasião.

Dentro de seis meses, Hitler extinguiu todos os partidos e sindicatos restantes. O Partido Nazista tornou-se o único legalizado em todo o território alemão.

Outro episódio marcante foi o assassinato em massa de membros da SA, as famosas tropas de assalto do Partido Nazista, que tinha como finalidade a proteção dos membros do partido e dos seus eventos públicos. Uma ala da SA simpática ao comunismo, liderada por Ernst Röhm, pregava publicamente a reforma agrária e uma revolução socialista na Alemanha. Em uma única noite, esses simpatizantes da esquerda foram assassinados por ordens expressas do chanceler Adolf Hitler (GHIRELLI, 2003). Foi um expurgo, uma “limpeza” na organização partidária apoiada pela população e pelo próprio presidente Hindenburg. Desde então, a SA foi extinta.

Outro mito recorrente espalhado pelo revisionismo é o de que a economia do Terceiro Reich era estatizada em virtude dos planos econômicos, de algumas interferências do Estado e do confisco de propriedade de alguns judeus. De fato, a economia alemã sofreu intervenção estatal durante o governo de Hitler, mas continuava sendo uma economia de mercado. Não houve coletivização dos meios de produção, muito pelo contrário: o Banco do Reich – *Reichsbank* – oferecia crédito a baixos juros para a diversificação da indústria, além de ter colocado em prática um amplo programa de privatizações que contribuiu para o aumento da receita e da arrecadação de impostos do país na década de 1930.

A essência do projeto econômico hitlerista estava amparada na teoria geral do economista britânico John Keynes. Em detrimento das sucessivas crises econômicas enfrentadas pelo mundo inteiro no período entre as duas grandes guerras mundiais, principalmente da grande depressão de 1929, Keynes desenvolveu sua teoria geral onde

defendia a intervenção do Estado para gerar crescimento econômico e pleno emprego durante a crise por meio de concessão de créditos, ainda que isto pudesse causar aumento na despesa e na dívida do país (MARTINS, 2010).

A economia foi conduzida a partir de dois grandes planos quadrienais. O primeiro, em vigor de 1933 a 1936, tinha como objetivo a criação de empregos. O segundo, entre 1936 e 1939, o crescimento da indústria armamentista em virtude da organização para a guerra que a Alemanha preparava contra os ganhadores da Primeira Guerra Mundial e a expansão do espaço vital, culminando com a Segunda Guerra Mundial.

O primeiro plano expandiu a produção industrial alemã e proporcionou a geração de empregos a partir de incentivos para modernização e diversificação produtiva, com foco para o setor automobilístico, uma vez que o governo também investiu na construção civil (rodovias, autoestradas e também prédios públicos) para empregar o excedente de mão de obra derivado da grande crise de 1929 que, em 1932, atingiu 1/3 da população economicamente ativa da Alemanha. Para movimentar o comércio, também foram dados empréstimos a baixos juros para recém casados começarem a sua vida juntos, comprando casas, móveis, entre outras coisas, aumentando em 40% o número de casamentos somente entre 1932 e 1934 (LARA, 2012).

O segundo plano concedeu crédito para as indústrias que estavam direta e indiretamente ligadas ao projeto de expansão militar alemão, investindo na diversificação da produção de matéria-prima, minérios, produtos químicos e armas em si. Os grandes contratos que o governo fechou com estas empresas que orbitavam o setor bélico e conduziam o projeto armamentista acabou por formar aquilo que Feijó (2009) classifica como “a elite da elite” do Terceiro Reich. Estes grandes empresários enriqueceram ainda mais durante o preparo para a Segunda Guerra, e o crescimento destas indústrias levou a Alemanha ao pleno emprego ainda na década de 1930.

Além de incentivar a produção industrial por meio da concessão de crédito, o que por si só já desmonta a teoria revisionista da “economia comunista” da Alemanha nazista, o governo do Reich também desenvolveu o primeiro grande projeto de privatizações do século XX, muito antes das privatizações se popularizarem na década de 1990. O economista Germà Bel (2010) aponta que foram vendidos bancos, empresas ferroviárias, mineradoras e até uma fabricante de barcos. A venda das ações destas empresas gerou uma receita de quase 600 milhões de

*reichsmarks* para o Estado entre 1934 e 1938, além de aumentar a arrecadação de impostos, já que estas empresas agora pertenciam à iniciativa privada.

Como já comentado, existiram interferências estatais no processo de produção. O setor agrícola foi o que mais sofreu com isto, pois em alguns casos a produção era realmente direcionada, ou seja, alguns produtos tinham prioridade em relação a outros, o que proporcionou uma “dieta frágil” ao povo alemão, nas palavras de Spoerer e Streb (2006). De acordo com os referidos autores, isto ocorreu por dois motivos principais: o primeiro deles foi o direcionamento da política de créditos para outros setores produtivos considerados prioritários. O segundo, porque os projetos de construção civil e da indústria armamentista não só absorveram a mão de obra excedente como também provocaram um êxodo rural. O resultado foi de queda na produção agrícola durante o Terceiro Reich, tanto em quantidade quanto em diversificação, com pouca modernização no setor.

Outra interferência estatal foi no congelamento de preços e salários durante todo o tempo em que os nazistas estiveram no poder. É importante ressaltar que havia diferença de salários entre os trabalhadores dos mesmos setores, porém eram diferenças pequenas, já que o congelamento de salários não permitia uma alta valorização. Estas políticas de congelamento, porém, nada tinham a ver com alguma “comunização” da economia, e sim com medidas para conter a inflação, como contam Spoerer e Streb (2006) e Martins (2010).

Já com relação ao confisco de propriedades de judeus, o revisionismo coloca esta medida como parte de uma suposta economia estatizante, o que não é verdade. O confisco de propriedades tem relação única e exclusivamente com a perseguição de ordem racial empreendida pelos nazistas contra os judeus, que contou também com a expulsão destas pessoas do setor público e de crianças judias das escolas alemãs, o impedimento do desempenho de profissões como as de advogado e de professor, além dos boicotes econômicos ao comércio judaico e a promulgação das leis que proibiam o casamento e a miscigenação entre judeus e alemães, os arianos puros. Quando estas propriedades não eram simplesmente confiscadas para uso do Estado, como foi o caso das casas judaicas utilizadas pelo programa governamental Lebensborn, os judeus eram simplesmente obrigados a vendê-las a baixo custo para alemães, o que se tornou ainda mais comum a partir de 1938, quando o projeto higienista de arianização começou a expulsar judeus da Áustria e da Alemanha em direção aos países vizinhos (WECKERT, 2004).

Pode-se dizer, portanto, que diferentemente do que propunham os marxistas, a economia nazista não se pautava na coletivização ou na estatização dos meios de produção. Muito pelo contrário: os créditos e os contratos dos planos quadrienais diversificaram a produção e o mercado, além de enriquecerem ainda mais alguns grupos da elite alemã.

Por fim, com relação à Segunda Guerra Mundial, um mês antes da invasão alemã na Polônia, em setembro de 1939, quando se iniciou o conflito, os ministros das relações exteriores da URSS e da Alemanha assinaram um pacto de não agressão entre os dois países. O Pacto Molotov-Ribbentrop também previa secretamente a divisão do território polonês que seria invadido. Este acordo é usado pelos revisionistas como argumento para reforçar a falsa ideia de que a Alemanha nazista era simpática ao comunismo e que Hitler e Stalin eram aliados em um plano conjunto de reconfiguração da ordem política europeia a partir de uma suposta afinidade ideológica.

Em 1936, antes mesmo da Segunda Guerra, Hitler e Mussolini já haviam testado as suas forças armadas enviando apoio aos militares revoltosos liderados por Franco na Guerra Civil Espanhola, que culminou com a vitória sobre os esquerdistas e deu início a ditadura franquista (PRANTICE HALL, 2010). O apoio dos nazistas e fascistas contra os esquerdistas espanhóis, claro, fazia parte de suas visões políticas direitistas. Era o combate ao comunismo na Europa.

De acordo com Zaloga (2009), no que se refere ao Pacto Molotov-Ribbentrop, este foi assinado com um único motivo: garantir a invasão alemã na Polônia sem risco de retaliação soviética. Hitler sabia que Stalin tinha planos expansionistas, e a própria Rússia já havia tentado invadir a Polônia anos antes. O serviço de espionagem nazista já havia tomado conhecimento anteriormente que o exército soviético contava com 1 milhão de homens, sendo numericamente superior às forças armadas alemãs (KLEIN, 1948), o que tornava necessária a assinatura do acordo para que a campanha polonesa fosse realizada sem intervenção externa. A celebração do pacto foi para fins unicamente práticos, tanto que o documento não impediu que Hitler invadisse a URSS dois anos depois, em junho de 1941, na maior invasão por terra da história da humanidade, com mais de 4 milhões de homens e 700 mil cavalos (ON LINE EDITORA, 2016). Aliás, não era costume de Hitler respeitar os pactos que ele mesmo firmava com outros países. Ele tinha pactos de não agressão com praticamente todos os países que invadiu durante a Segunda Guerra. Inclusive, anos antes, assinou com o Japão o Pacto Anticomintern, que

impedia qualquer um dos dois países de fazer acordos com a URSS – mas isto não foi obstáculo para assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop.

Quando os nazistas finalmente invadiram a URSS, a ordem era para que fossem mortos todos os membros do Partido Comunista e da administração soviética, tamanha era a vontade de atingir o comunismo e seu *status quo*. Por isto, Philippe Burrin (1990) diz que a guerra com os russos não era apenas uma mera questão territorial, uma busca pelo espaço vital. Era também uma batalha contra o comunismo, contra o maior inimigo político do nazismo, que em caso de vitória consagraria a superioridade da ideologia de Hitler e a superioridade dos arianos sobre os eslavos russos. Há relatos, aliás, que dão conta de que a invasão começou a ser planejada ainda em 1940, um ano antes.

Não havia, portanto, acordo entre Hitler e Stalin para dominação conjunta da Europa, baseado em afinidades ideológicas, como supõem os revisionistas. Muito pelo contrário: Hitler tinha a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, a Alemanha seria alvo do expansionismo stalinista e, por isto, resolveu atacar primeiro. A erradicação do comunismo significaria a vitória do nazismo. Tanto é assim, que Stalin antes mesmo do fim da guerra queria que os criminosos nazistas fossem julgados pela lei e não por uma justiça sumária, para que fossem exibidas ao mundo as crueldades do nazismo e do Terceiro Reich, e assim foi feito, no julgamento de Nuremberg, entre 1945 e 1946.

A cooperação entre nazistas e soviéticos para o domínio europeu não poderia jamais existir de fato, ao contrário do que supõe a corrente revisionista, tendo em vista que já nos primeiros dias de seu governo enquanto chanceler, Hitler teve uma reunião com membros das forças armadas para expor os planos de rearmamento e de expansão territorial em direção ao leste em busca do espaço vital (FEST, 2006). A guerra contra a Rússia já era premeditada desde o primeiro minuto do Terceiro Reich e já era desejada por Adolf Hitler ainda quando este não passava de um reles militante em Munique. Aliás, diga-se de passagem, essa ideia já aparecia em *Mein Kampf*, que foi escrito em 1924, exatamente 15 anos antes do início da Segunda Guerra Mundial.

## Considerações finais

As premissas que o movimento revisionista dos últimos tempos, embalado pelo fortalecimento das correntes conservadoras ao redor do mundo, tem usado para lançar a ideia de que o nazismo era uma ideologia de esquerda são frágeis e derivadas de uma leitura rasa dos acontecimentos históricos do século passado, como é o caso da simples interpretação da doutrina nazista quando se leva em consideração apenas o nome do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, ignorando o que o próprio Hitler escreveu em sua obra sobre a escolha do nome e da cor vermelha como símbolos partidários.

Além do mais, ignoram-se completamente os discursos proferidos durante os comícios do partido, bem como os panfletos anticomunistas distribuídos em virtude das eleições durante o período republicano e a violência de rua propagada pelas tropas de assalto, a SA, contra membros do Partido Comunista. Desconsidera-se, também, que os partidos de esquerda foram os primeiros a ser censurados no Terceiro Reich e os únicos que tiveram praticamente todos os seus líderes presos ou exilados, e sedes invadidas.

O conhecimento acerca dos planos quadrienais da economia alemã também se mostra limitado, desconsiderando que estes visavam recuperar a economia, a indústria e a fluidez do mercado sem a coletivização da propriedade ou a estatização dos meios de produção, criando o primeiro grande programa de privatizações do século XX. O investimento ou a interferência do Estado na economia nem sempre significa economia estatizante, ou a sua “comunização”. É completamente ignorado o fato de que os confiscos de propriedades judaicas estavam inseridos na lógica da perseguição racial e não do plano econômico, por exemplo.

Por fim, parece ser também desconhecido por muitos revisionistas o fato de que a guerra ao leste já era uma coisa almejada pelos nazistas ainda antes destes chegarem ao poder, tornando impossível uma cooperação entre nazistas e soviéticos para um domínio conjunto da Europa, levando em conta apenas a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop, que não passou de uma mera formalidade quebrada pelo próprio Hitler quando este ordenou a invasão da URSS em junho de 1941.

Em suma, parecem ser rasas as concepções acerca da doutrina nazista e do Terceiro Reich por parte dos revisionistas que espalham pela internet e demais meios de comunicação a

falsa ideia de que o nazismo era uma ideologia de esquerda, pautando-se em premissas simples, sem aprofundamento e, na maioria das vezes, falsas.

## Referências

BEL, Germà. **Against the mainstream: nazi privatization in 1930s Germany**. The Economic History Review, Volume 63, Issue 1, 2010.

BURRIN, Philippe. **Hitler e os judeus: gênese de um genocídio**. Editora L&PM; tradução de Ana Maria Capovilla. Porto Alegre/RS, 1990.

CASAGRANDE, Diego. **O nazismo era de esquerda**. Opinião e Crítica: jornalismo independente, 22 de julho de 2017. Disponível em: <https://opinioecritica.com.br/o-nazismo-era-de-esquerda-por-diego-casagrande/>. Acesso em: 30/12/2019.

CROSBY, Debra. **The rise of the nazi party as a rhetorical moviment: 1919-1933**. Presented to the Graduate Council of the North Texas State University in Partial Fulfillment of the Requirements. For the degree of Master of Arts. Denton, Texas, december 1975.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. Tradução de Lúcia Brito. São Paulo; Editora Planeta do Brasil, 2010.

FEIJÓ, Ricardo Luís Chaves. **Uma interpretação do primeiro milagre econômico alemão (1933-1944)**. Revista de Economia Política, Vol. 29, n. 02 (114), pp. 246-266, abril-junho/2009.

FEST, Joachim. **Hitler vol. 2: 1933 a 1945**. Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro... [et al]. Tradução revista de Eliseu Visconti Neto. 2ª Ed, Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2006.

GHANI, Alan. **O nazismo está muito mais à esquerda do que à direita. Entenda**. InfoMoney, 19 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/economia-e-politica-direto-ao-ponto/o-nazismo-esta-muito-mais-a-esquerda-do-que-a-direita-entenda/>. Acesso em: 28/12/2019.

GHIRELLI, Antonio. **Tiranos: de Hitler a PolPot: os homens que ensanguentaram o século 20**. Tradução de Giuseppe D'Angelo e Maria Helena Kühner. Editora Difel, Rio de Janeiro/RJ, 2003.

GRUNBERGER, Richard. **A história SS**. Distribuidora Record, Rio de Janeiro, 1970.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. 1925.

KLEIN, Burton. **Germany's preparation for war: a re-examination**. The American Economic Review, Vol. 38, No. 01, pp. 56-77, march 1948.

LARA, Eduardo Henrique. **A economia alemã: 1933**. Trabalho de Conclusão de Curso: Ciências Econômicas, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

MACHADO, Marcos. **Nazismo e comunismo, verso e reverso da mesma medalha.** Agência Boa Imprensa, 2 de abril de 2019. Disponível em: <http://www.abim.inf.br/nazismo-e-comunismo-verso-e-reverso-da-mesma-medalha/>. Acesso em: 29/12/2019.

MARTINS, Lucas Campos. **Economia de guerra da Alemanha nazista: como a economia comporta-se frente à ocorrência de uma guerra.** Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH, Departamento de Ciências Jurídicas, Políticas e Gerenciais. Trabalho de Conclusão de Curso: Relações Internacionais, 2010.

MONTEIRO, Gustavo Feital. **Juventude hitlerista: propaganda, ideologia e antissemitismo.** Trabalho de conclusão de curso, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília (UnB), 2013.

MORGENSTERN, Flávio. **Carta aberta a Luciano Genro pt. 2: nazismo (nacional-socialismo) é socialismo. E ponto final.** Instituto Liberal, 20 de outubro de 2014. Disponível em <https://www.institutoliberal.org.br/blog/carta-aberta-luciana-genro-pt-2-nazismo-nacional-socialismo-e-socialismo-e-ponto-final/>. Acesso em: 29/12/2019.

ON LINE EDITORA. **Guia Conhecer Fantástico Especial: 2ª Guerra Mundial.** 8ª edição, São Paulo/SP, 2016.

PRENTICE HALL. **History: causes, practices and effects of wars.** Pearson Internacional Baccalaureate Diploma: Internacional Editions, 2010.

RABINBACH, Anson. **Staging antifacism: the brown book of the Reichstag and Hitler terror.** New German Critique 103, Vol. 35, No. 1, Spring 2008.

SPOERER, Mark. STREB Jochen. **Guns and butter – but no margarine: the impact of nazi agricultural and consumption policies on german food production and consumption 1933-38.** XIV International Economic History Congress, Helsinki, Finland, 21 to 26 August 2006.

WECKERT, Ingrid. **Jewish emigration from the Third Reich.** Holocaust Handbooks Series, Vol. 12. Theses & Dissertations Press, Chicago, 2004.

WEIKART, Richard. **The role of Darwinism in nazi racial thought.** German Studies Review 36.3; German Studies Association, 2013.

ZALOGA, Steve J. **A invasão da Polónia: guerra-relâmpago.** RBA Colecionables; Realização editorial: EDITEC; Osprey Publishing. Barcelona (Espanha), 2009.

ZIMMER, Ianker. **Nazismo: o filho que a esquerda não assume.** Instituto Liberal, 23 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/nazismo-filho-que-esquerda-nao-assume/>. Acesso em: 28/12/2019.

#### Como citar este artigo (Formato ABNT):

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de. A ideologia nacional-socialista: O revisionismo e o nazismo de esquerda. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Fevereiro/2020, vol.14, n.49, p. 17-37 . ISSN: 1981-1179.

Recebido: 02/12/2019; Aceito: 08/01/2020